

DOZE REGRAS BÁSICAS DA LIDERANÇA ECLESIASTICA

1. **Não negligenciar o espírito de servo (Mt 20.26-28; Lc 22.26).**
2. **Não buscar o interesse próprio (1Pe 5.2; Fp 2.3-4, 19-20).**
3. **Não ser dominador (1Pe 5.3; 3Jo 9-10).**
4. **Não ser contencioso (2Tm 2.23-24).**
5. **Não lançar novos fundamentos doutrinários (1Co 3.10-11).**
6. **Não se afastar do padrão de excelência (1Co 3.12-17; 2Tm 4.5).**
7. **Não fomentar tensões (1Co 16.12; 2Co 2.1).**
8. **Não recusar o perdão (2Co 2.10-11).**
9. **Não negligenciar a família (1Tm 3. 4,15; Tt 1.6).**
10. **Não tolerar a heresia e o pecado (2Tm 2.22; Ap 2.2, 6, 14-15, 20).**
11. **Não se descuidar do estudo da Palavra (2Tm 2.15; 3.16-17).**
12. **Não esquecer que sua função lhe foi confiada pelo próprio Senhor (At 20.24; Cl 4.17).**

ECLESIOLOGIA APLICADA

O NASCIMENTO DE UMA IGREJA

Igreja local é a comunidade autônoma de crentes em Cristo unidos entre si por laços de fé, amor e amizade; caracterizada pelo ensino da sã doutrina, pela observância das ordenanças de Cristo e pela aplicação da disciplina bíblica.

A Bíblia apresenta de forma clara os dois propósitos fundamentais da igreja: o imediato, que é anunciar o evangelho (1Pe 2.9); e o final, que é glorificar para sempre a Deus (Ef 1.5,6; 12-14).

Desse modo, um grupo em que as pessoas não têm comunhão entre si, a sã doutrina não é pregada, as ordenanças de Cristo (o batismo e a ceia do Senhor) não são adequadamente observadas, a disciplina bíblica jamais é aplicada; que não se preocupa com a expansão do Reino de Cristo neste mundo mediante a pregação do evangelho e não persegue o ideal maior de glorificar a Deus não pode de maneira nenhuma ser chamado de igreja. Disso se conclui que pouquíssimas são as verdadeiras igrejas, o que é de lamentar, dada a importância vital dessa comunidade em inúmeros aspectos.

Aqui, naturalmente, surgem as questões: Por que a igreja é importante? Que diferença faz essa instituição? O que foi dito nos parágrafos anteriores fornece em linhas gerais o conteúdo da resposta a essas perguntas. É necessária, porém, maior exatidão.

Em primeiro lugar, pode-se dizer que a igreja é extremamente importante neste mundo porque fornece o contexto em que ocorre uma cura substancial nas relações interpessoais.¹ É na igreja local que pessoas de diferentes idades, origens, etnias, culturas, formações e níveis sociais são

¹ Nesse sentido, veja-se especialmente SCHAEFFER, Francis A. *A verdadeira espiritualidade*. São Paulo: Fiel, 1980. p. 192-209.

convidadas a viver em plena harmonia, formando uma verdadeira família (1Co 1.10; 12.12-27; 2Co 13.11; Gl 3.28; Ef 4.1-3; Fl 1.27; 2.1-4; 4.2,3; 1Pe 3.8). Nesse ponto, nenhum outro grupo social é comparável à igreja. E essa unidade, a que seus membros são chamados e exortados a manter, tem como base não o simples interesse na paz social, mas a própria obra redentora de Cristo (1Co 10.16,17), de modo que quem atenta contra a unidade da igreja, se levanta, na verdade, contra um dos santos propósitos da cruz (Ef 2.13-19).

Sendo a igreja o ambiente em que o indivíduo pode se relacionar em amor com pessoas diferentes e em que pode se sentir aceito e respeitado a despeito de qualquer fator secundário, fica difícil exagerar sua importância para o sustento e o bem-estar emocional do ser humano, que procura a todo custo obter o amor e o respeito dos outros a fim de sentir-se importante e seguro.²

A importância da igreja também assume proporções imensas pelo fato de ser o grupo em que a medida do comprometimento do crente dá a medida da sua saúde espiritual. É fácil alguém saber se é mesmo um servo obediente a Cristo e se vive bem espiritualmente: basta observar se está de bem com sua igreja, dela participando, com ela cooperando e nela cultivando suas maiores amizades (Jo 15.10,12,14; Hb 10.25).

De fato, João mostra como descobrir se alguém está andando na luz. Diz ele: “Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros...” (1Jo 1.7). Isso é assim porque existe íntima ligação entre Cristo e a igreja, ligação esta em que ela é o “corpo” e ele, a “Cabeça” (Ef 1.22,23; 5.23; Cl 1.24). Desse modo, é impossível se afastar da igreja sem se afastar de Cristo; e o terrível Saulo descobriu perplexo que era impossível odiar e atacar a igreja sem ao mesmo tempo odiar e perseguir o próprio Cristo (At 9.1-5).

Além disso, Deus determinou que a igreja fosse o celeiro onde o cristão pudesse encontrar alimento para crescer espiritualmente. Nela o Senhor pôs pessoas com os mais diversos dons (Rm 12.4-8) para que quando os exercitassem no contexto eclesial, os santos se aperfeiçoassem, se tornassem aos poucos semelhantes a Cristo e não seguissem ensinamentos enganadores (Ef 4.11-14). Como poderá o crente que não visita esse celeiro se alimentar adequadamente? E sem se alimentar adequadamente, como demonstrará vigor?

A Bíblia ensina também que os diferentes membros do corpo que é a igreja formam um organismo só (1Co 12.12) e, uma vez que realizam funções específicas, todos são essenciais e indispensáveis para o bem de cada um em particular e o bom funcionamento do todo (1Co 12.17-23). Qual será a saúde espiritual do cristão que, afastado da comunhão com seus irmãos, deixa de desfrutar o trabalho dos membros em geral e não coopera, ele mesmo, com o aperfeiçoamento do corpo?

Tudo isso mostra a importância que a igreja tem para o crescimento espiritual de cada um e prova que o cristão que não participa de nenhuma igreja e diz que é possível ser bom crente adorando a Deus sem sair de casa não compreendeu a espiritualidade ensinada no Novo Testamento, pois, além de desobedecer abertamente as determinações bíblicas (Ef 4.3; Hb 10.25) e não cumprir seu papel de membro do corpo de Cristo, privando-o de funcionamento melhor (1Co 12.25; Ef 4.15,16), deixa de receber o crescimento que a participação conjunta do estudo, do louvor e da oração sempre poderá proporcionar.

Em terceiro lugar, a igreja é importante porque é a organização responsável pelo avanço da obra missionária (At 13.1-3). Ainda que organizações missionárias de renome internacional façam trabalhos notáveis, é a igreja local que tem sobre seus ombros a responsabilidade de, orientada pelo

² O Dr. Lawrence J. Crabb Jr., psicólogo cristão, aponta o *significado* e a *segurança* como as necessidades psicológicas fundamentais de todo ser humano. Segundo ele, o homem só se sente importante quando é respeitado e só se sente seguro quando tem o amor incondicional dos outros. CRABB JR., Lawrence J. *Aconselhamento bíblico efetivo*. Brasília: Refúgio, 1985.

Espírito Santo, escolher e enviar pessoas aos campos brancos para a ceifa e sustentá-las ali quando for preciso.

Relevante também é a igreja em sua função didática. Além de funcionar como centro de educação cristã para todos os que se acercam dela, tem a igreja a responsabilidade de ser escola preparatória de pastores e núcleo formativo de novos líderes (2Tm 2.2; Tt 1.5 cf. At 14.21-23). Isso, é claro, não anula a necessidade dos seminários teológicos. Porém, não se pode admitir que a igreja deixe de participar da instrução dos seus novos obreiros mantendo-se alheia à sua formação e transferindo toda a responsabilidade educacional dos vocacionados para as mãos das faculdades de teologia.

Não se pode deixar de mencionar aqui outro fator, também de extrema importância, que é o papel da igreja consistente de zelar pela redução do sofrimento humano (1Tm 5.3,16; 2Co 9.1,2,12). Deve ela, pois, agir de tal maneira que todos percebam com clareza que, caso não existisse, a dor dos menos favorecidos seria muito maior.

Finalmente, a igreja é importante porque é a guardiã da sã doutrina (1Tm 3.14,15). Como protetora de depósito tão precioso, levanta-se contra tudo o que se caracteriza por falsidade e não somente rejeita a fraude como também a desmascara. A verdadeira igreja não dá boas-vindas às constantes novidades doutrinárias que dia após dia aparecem no cenário dito evangélico. Antes, protege o legado que recebeu dos antigos. A velha fé que habitou nos antepassados cristãos de seus membros é a mesma que hoje nestes também habita (2Tm 1.5; 3.14,15), os quais a conservam com zelo sem igual (Gl 1.8,9; 1Tm 1.18,19; 4.16; 6.11-14, 20,21; 2Tm 1.13,14).

Em face disso tudo é, pois, evidente a urgente necessidade do surgimento de mais e mais igrejas verdadeiras. No entanto, a própria sublimidade de sua tarefa neste mundo exige que a fundação de uma nova igreja ocorra debaixo da mais cuidadosa tutela. Devem-se observar certos critérios e superar algumas etapas antes de conceder o *status* de igreja a um grupo de crentes que eventualmente se reúne.

A forma estranha como grande parte das igrejas surge atualmente – um indivíduo qualquer põe uma gravata, aluga um salão e começa a ensinar qualquer coisa, atraindo pessoas dispostas a crer em tudo – por não observar princípios bíblicos, só tem servido para criar igrejas falsas. Portanto, para que igrejas bíblicas nasçam, pode-se sugerir o cumprimento das seguintes fases.

1. Estabelecimento de um ponto de pregação. Uma igreja devidamente organizada escolhe um local estratégico e carente onde realizará esforços evangelísticos por tempo indeterminado. Pode funcionar como sede provisória para o trabalho nascente a casa de um irmão, uma rua espaçosa ou até mesmo uma praça.

2. Formação de uma congregação. Havendo certo crescimento, o ponto de pregação adquire o status de congregação. Esse grupo de crentes continua a se reunir sob a autoridade da igreja responsável, a cujo rol de membros deve pertencer cada um deles.

3. Estabelecimento de um local exclusivo. O crescimento do grupo deve ensejar a compra ou locação de um lugar que sirva como sede exclusiva da igreja em formação. A escolha desse local deve levar em conta aspectos estratégicos bem como a possibilidade de expansão futura. A igreja responsável não deve economizar dinheiro nessa fase. Deve adquirir ou alugar uma propriedade relativamente ampla e bem localizada. Fundamental é que os membros que cooperam na congregação sejam estimulados a participar ativamente do estabelecimento desse novo local, seja por meio do trabalho, seja através de contribuições financeiras.

4. Nomeação de um obreiro. É claro que em todas as fases de formação da igreja haverá um responsável pelo trabalho. Porém, nesse ponto deve-se dar especial atenção à necessidade de nomear alguém que se dedique ao ministério no novo local. A escolha desse obreiro será feita pela igreja responsável, que deverá ser sensível à opinião dos membros da congregação. Estes, na medida do

possível, deverão participar do sustento de seu pastor, a fim de que desde cedo aprendam acerca dos deveres da igreja em relação a seus ministros (1Tm 5. 17-18).

5. Incentivo à capacidade de autogestão. Superadas as fases acima descritas, tanto a igreja responsável quanto os membros da congregação deverão empenhar-se para que a igreja em formação adquira independência em todos os aspectos. Todos os esforços deverão dirigir-se para fazer que a congregação cresça a ponto de ter material humano para formar uma liderança bíblica e independência financeira para, sozinha, poder arcar com o suprimento de todas as suas necessidades e a realização de todos os seus deveres e alvos.

6. Organização da nova igreja. Capaz de autogerir-se, a congregação poderá organizar-se em igreja. Esse ato será precedido de exame formal que deverá versar sobre doutrina bíblica e eclesiologia prática. Tal exame será aplicado pelos líderes da igreja responsável a toda a assembléia componente da congregação. Verificada a aprovação da “candidata”, a organização da nova igreja será realizada pela “igreja-mãe” mediante ato solene, no qual, diante das características inegáveis de uma igreja de Cristo, reconhecerá a autoridade da assembléia e lhe conferirá independência nos termos estabelecidos pela denominação a que pertence.³ A solenidade deverá constar de ata, que registrará os nomes dos membros fundadores da nova igreja como medida de valor histórico.

Evidentemente, esse processo deve ser entendido como mera sugestão. As particularidades de cada caso muitas vezes impedirão que as etapas acima se concretizem de modo pleno ou na seqüência apresentada. O que deve, porém, permanecer intocável é o princípio de que uma igreja só pode ser gerada sob os auspícios de outra. De fato, nenhuma igreja pode ser independente enquanto estiver em forma embrionária.

Esse princípio se encontra no Novo Testamento, especificamente no livro de Atos, no qual vemos que as novas igrejas nasciam em geral graças ao envio de missionários, que por sua vez eram sujeitos a igrejas de sólidos alicerces e autoridade inquestionável (At 13.1-3), às quais eles também prestavam relatórios acerca de suas atividades (At 14.26-28). Vemos também em Atos que as igrejas que aos poucos surgiam ficavam a princípio sob supervisão e cuidado de outra previamente estabelecida, que lhes enviava delegados com o intuito de mantê-las debaixo de necessário controle e proteção (At 8.14; 11.20-22; 15.1-4, 22-31).

Não há, portanto, nenhum amparo bíblico para o indivíduo que, dizendo-se chamado por Deus, toma a iniciativa de por si mesmo “abrir um trabalho”. Nem tampouco pode encontrar apoio nas Escrituras o homem que, insatisfeito com sua igreja ou denominação, com ela rompe e passa a trabalhar ao lado de alguns simpatizantes no afã de formar uma igreja nova. Somente em casos excepcionais, em que é impossível o patrocínio de uma verdadeira igreja, essa conduta poderá ser tolerada. O surgimento das diversas igrejas reformadas no século XVI talvez possa servir como exemplo dos raríssimos casos de autogeração necessária. Não havia naqueles dias tão corrompidos pelo romanismo nenhuma igreja bíblica a que os fundadores de uma nova igreja pudessem sujeitar-se durante o período formativo.

OS OFICIAIS E A ADMINISTRAÇÃO DA IGREJA

A ORDENAÇÃO AO MINISTÉRIO PASTORAL

No Novo Testamento é estranha a prática tão comum em nossos dias de alguém se auto-intitular pastor. Essa prática não tem nenhum precedente na literatura neotestamentária.

³ Essa independência poderá ser absoluta, como é o caso das igrejas batistas, ou relativa, como é o caso da Igreja Presbiteriana e a Assembléia de Deus, cujas comunidades locais se mantêm sob a autoridade de um governo central, mas desfrutam de ampla autonomia.

Também não existe na Bíblia nada que permita um pastor ordenar alguém ao ministério segundo sua livre vontade ou opinião pessoal. É claro que essa opinião deve ser levada em conta (Tt 1.5), mas a decisão final quanto a quem será investido no múnus pastoral não é prerrogativa de um ministro nem mesmo de um grupo de ministros.

De acordo com a Bíblia, é a igreja que soberanamente detém o direito de investir alguém no pastorado. Isso é observado na igreja de Deus, onde geralmente ocorre através de um processo que abrange as seguintes etapas: o candidato, uma vez verificadas suas qualificações (1Tm 3.1-7; Tt 1.5-9) e geralmente após ter concluído o curso de bacharel em teologia, é apresentado pelo pastor à igreja. Esta, por sua vez, decide se o candidato deve ou não ser ordenado. Essa decisão se faz mediante votação (At 14.23). Uma vez aprovado pela igreja, o candidato, se a igreja assim julgar necessário, deverá passar por exame exigido por sua denominação. Cumpridas essas etapas, procede-se à cerimônia de imposição de mãos, em um culto especial de consagração.

A imposição de mãos se faz exclusivamente por pastores presentes no referido culto (1Tm 4.14) e se trata de um gesto simbólico de investidura do candidato no cargo de ministro com todos os seus deveres e prerrogativas. O gesto de impor as mãos tem relação com a consagração de alguém para um serviço especial (At 6.6; 13.3). É, pois, natural que esse gesto esteja presente na constituição de novos obreiros.

Como se vê, tornar-se pastor não é simples e rápido. Aliás, a Bíblia proíbe que seja assim quando Paulo diz a Timóteo: “A ninguém imponhas precipitadamente as mãos...” (1Tm 5.22). Todo o processo acima descrito, demorado talvez, visa ao cumprimento dessa ordem e também à preservação da soberania da igreja em escolher novos pastores.

Todos devemos entender que a função pastoral é delegada por Deus. Ele, porém, faz isso por intermédio de um instrumento chamado igreja. É verdade que com os apóstolos era diferente. Estes receberam sua autoridade do próprio Senhor ressurreto (Gl 1.1). A função de apóstolo, porém, como veremos, só existiu no século I. No tocante aos pastores, contudo, ainda que em última análise seja o Espírito Santo quem os constitui (At 20.28), aprendemos nas Escrituras que a constituição deles é feita por meio de homens que, reunidos como igreja, a concretizam (At 14.23; Tt 1.5).

O método descrito aqui e usado com ligeiras variações na prática das igrejas de Deus não pode ser alterado de modo substancial, nem adotados os critérios novos e arbitrários presentes em movimentos modernos, nos quais o pastor detém exclusivamente em suas mãos o poder de investir quem quiser no ministério. Esses novos métodos e critérios são antibíblicos e perigosos, já que não observam as instruções que o próprio Deus estabeleceu em sua Palavra.

Conferir arbitrariamente poderes a alguém para o exercício do ministério é prática que pode ser denominada “micaísmo”. No livro de Juízes lemos acerca de um homem chamado Mica, o qual investiu primeiro seu filho e, depois, um levita num sacerdócio abominável que acreditava ser do agrado de Deus (Jz 17.5-13). Ora, mesmo se a religião de Mica se voltasse unicamente para o Senhor e fosse livre de idolatria, o que não era o caso, esse homem não tinha autoridade alguma para investir ninguém na função sacerdotal (Hb 5.1-4). Além disso, seu filho não preenchia as qualificações para ser sacerdote de Deus, já que só os levitas filhos de Arão podiam sê-lo (Êx 29.44). Assim, micaísmo pode ser definido como a prática de investir no ministério quem é desqualificado. É também a prática de, arbitrariamente, um indivíduo tomar para si a autoridade de consagrar quem bem entender num serviço que acredita ser santo.

O DIACONATO

Apesar de não conter nenhuma vez a palavra “diácono”, o texto de Atos 6.1-6 é comumente aceito como o trecho bíblico que narra as origens do diaconato. Nesse texto os homens ali escolhidos

tinham como função o atendimento das necessidades de pessoas carentes. Eram diáconos no sentido literal da palavra (gr. : servo, agente, auxiliar, pessoa que presta serviço como cristão). Mais tarde o termo passou a ser designativo de uma classe de oficiais da igreja (Fl 1.1).

Segundo João Calvino, na igreja primitiva havia duas classes de diáconos, ambas voltadas para o serviço aos pobres:

O cuidado dos pobres foi confiado aos diáconos. Todavia, na Epístola aos Romanos lhes são referidas duas modalidades: "Aquele que distribui"...[e]..."aquele que faz misericórdia"...(Rm 12.8). Uma vez que certo seja estar ele a falar dos ofícios públicos da Igreja, de mister é haja havido dois graus distintos de diáconos. A não ser que me engana o julgamento, no primeiro membro da cláusula designa ele os diáconos que administravam as esmolas; no segundo, porém, aqueles que se haviam dedicado a cuidar dos pobres e dos enfermos.[...] nenhum outro ofício público podiam as mulheres desempenhar que se ao serviço dos pobres se dessem. Se recebemos isso... duas serão as modalidades de diáconos, dos quais uns servirão à Igreja em administrando as cousas dos pobres, outros em cuidando dos próprios pobres.⁴

É digno de nota que no desempenho dessas funções sociais os primeiros "diáconos" deveriam ser homens que preenchessem três requisitos básicos (At 6.3): ter boa reputação; ser cheio do Espírito Santo (Ef 5.18); e ser cheio de sabedoria (At 6.9,10). Os dois últimos itens relacionam-se intimamente, ou seja, os diáconos deveriam ter sabedoria inspirada pelo Espírito.

Tendo sido instituídos a princípio com o simples objetivo de aliviar o trabalho dos apóstolos, a função que os diáconos exerciam nos primeiros dias de sua existência nem sequer tinha um nome formal. Como título designativo de um oficial da igreja, o termo "diácono" só surgiu mais tarde, e é uma variação da palavra grega *diakonia* (serviço), ou do verbo *diakoneo* (servir), ambos encontrados em Atos 6.3,4. É nas epístolas que encontramos esse termo já evoluído usado com relação a um grupo restrito de homens que tinham o ofício de diáconos. É esclarecedora a explicação de Ryrie:

A palavra significa "ministro" ou "servo". Os diáconos eram, a princípio, auxiliares dos presbíteros. Assim, suas qualificações eram praticamente as mesmas dos presbíteros. O ofício teve suas origens em Jerusalém (At. 6.1-6). No entanto, a palavra "diácono" é usada com sentido não-técnico em todo o NT para designar uma pessoa que servia à igreja (cf. Ef 6.21), bem como num sentido técnico, designando pessoas que ocupavam o cargo de diácono (cf. Fl 1.1).⁵

Pelo fato de serem responsáveis desde o princípio por facilitar o trabalho dos ministros da Palavra, as funções dos diáconos se ampliaram com o passar do tempo à medida que as responsabilidades dos ministros se tornavam mais numerosas. Hoje, suas funções se resumem nas seguintes atribuições:

1. Cuidar dos necessitados. Como já dissemos, essa foi a primeira função dos diáconos, sendo para o exercício dela que foram constituídos. Um conselho diaconal que não exerce essa atividade dentro dos moldes bíblicos deve rever seus objetivos.

2. Participar dos processos disciplinares. Toda a igreja deve participar dos processos disciplinares, conforme o ensino de Jesus em Mateus 18 e de Paulo em 1Coríntios 5. Contudo, a experiência mostra que muitas vezes a natureza do caso exige o acompanhamento e a participação prévios de um grupo mais restrito de pessoas maduras que tenham estrutura emocional e espiritual para analisar com sigilo os diversos problemas em seus diversos ângulos, antes de tudo ser levado à igreja. Essa atividade geralmente realizada pelos diáconos protege o pastor, evitando que ele se exponha sozinho a situações perigosas ou que impliquem imensas cargas emocionais.

⁴ CALVINO, *op. cit.*, p. 51.

⁵ RYRIE, Charles Caldwell. *A Bíblia Anotada*. São Paulo, Mundo Cristão, 1991, p. 1518.

3. Funcionar como grupo de conselheiros para o pastor. A Bíblia diz que na multidão de conselheiros há segurança (Pv 11.14), bom êxito (Pv 15.22) e vitória (Pv 24.6). Daí o supremo valor de um conselho diaconal constituído de homens sérios, experientes e maduros. Eles ajudarão o pastor a tomar decisões de modo que a possibilidade de erro seja reduzida. Conversarão sobre os prós e os contras desta ou daquela medida e, nos casos em que o problema deva ser levado à igreja, já terá sido debatido vastamente e pode ser apresentado de forma mais objetiva, o que poupará tempo e discussões inúteis na assembléia. Eventualmente, o conselho dos diáconos também valerá nas horas em que o pastor tiver de tomar decisões pessoais como, por exemplo, em que mês deverá tirar férias, se deve ou não aceitar o convite para pregar noutro lugar num determinado domingo, ou se é conveniente ausentar-se da igreja para ir visitar um campo missionário. Os diáconos ainda opinarão quanto a levantamento de ofertas especiais, realização de programas, convite de preletores, associação da igreja a determinados eventos, aceitação de pedidos de carta e de reconciliação, etc.

4. Zelar pela decência e ordem na igreja. Os diáconos atuam também como auxiliares do pastor na manutenção da ordem e decência na igreja. É recomendável que cada domingo sejam escalados diáconos de plantão, que observem com atenção o desenrolar dos cultos, repreendendo com docilidade pessoas que estejam conversando demais, pedindo que visitantes incrédulos não fumem nas dependências da igreja, conduzindo para fora os perturbadores, supervisionando o comportamento dos casais de namorados e restringindo a atuação dos que agem com indecência. Tudo isso o diácono deve fazer com educação e brandura a fim de que o Conselho Diaconal não seja conhecido como um grupo de homens mal-humorados que agem como policiais e, desse modo, ganhe a antipatia dos jovens e crie mais problemas em vez de resolver.

5. Resolver problemas de natureza econômico-administrativa. Agindo na área de ação social e atuando como conselheiros do pastor, inúmeras vezes os diáconos se verão às voltas com problemas de natureza econômico-administrativa. Nesses casos terão de agir em conjunto com o Departamento de Finanças e outros órgãos que tenham competência para atuar nas áreas em questão. Com que quantia a igreja poderá ajudar a irmã que ficou viúva e desamparada? Durante quanto tempo será dada a ajuda? A compra do terreno ao lado é viável? Dentro de que limites podemos negociar? Em que termos a hipótese de compra deverá ser levada à igreja? A taxa cobrada dos não-membros para o uso da igreja em casamentos é razoável? A que essa taxa deve ser destinada? Todas essas questões, em meio às quais o pastor muitas vezes se vê, serão discutidas pelos diáconos. Dentro ainda desse tópico, há igrejas que conferem exclusivamente aos diáconos poderes para deliberar acerca do salário do pastor e de outros ministros e funcionários. Essa conduta, evita que o pastor e outras pessoas se sintam expostos e constrangidos em discussões públicas acerca de quanto devem receber mensalmente.

6. Supervisionar o procedimento, o ensino e as necessidades dos ministros. Muitas vezes a igreja local fica à mercê de homens inescrupulosos que assumem o cargo de pastor e causam grandes prejuízos à causa do Mestre. Frequentemente esses homens agem livremente, sem haver quem se coloque diante deles e os impeça de continuar sua obra tão destruidora. Se ocorrer de algum membro sábio e corajoso se insurgir contra o falso pastor, é logo excluído, não sem antes sofrer os mais severos e injustos ataques. A igreja que conta com um bom Conselho Diaconal está protegida dos ataques de falsos pastores. Percebendo que o pastor da igreja tem mantido conduta escandalosa ou ensinado doutrinas estranhas ao cristianismo, o grupo de diáconos se reunirá, independentemente de o pastor convocar a reunião ou concordar com ela, e decidirá o que fazer diante de tão sério problema. Aliás, a realização de reuniões do Conselho Diaconal sem a presença do pastor é prática comum e legítima. Para se reunirem, os diáconos não precisam de autorização. Basta que o presidente do Conselho Diaconal convoque o grupo para uma reunião sempre que julgar inconveniente a presença do pastor em face do assunto que será tratado. Nos diáconos o pastor encontrará também um grupo que estará atento às suas necessidades físicas, emocionais, espirituais, sociais e profissionais. Percebendo, por exemplo, que o pastor tem enfrentado sérios problemas na família, os diáconos estudarão um modo de ajudá-lo tornando viável um tempo de licença para ele poder resolver tudo com maior tranquilidade, oferecendo-lhe apoio e amizade ou assumindo a direção de algumas áreas para lhe proporcionar maior alívio.

7. Cuidar da ceia do Senhor. Tradicionalmente são os diáconos que cuidam dos preparativos e da distribuição da ceia do Senhor. Para melhor funcionamento desse serviço é comum existirem escalas em que figurem os nomes dos que deverão providenciar e distribuir os elementos. Quem geralmente faz essas escalas e as comunica aos líderes é o presidente do Conselho Diaconal, um diácono escolhido pelo próprio grupo com o fim de representá-lo.

Os diáconos desfrutam da posição que lhes é delegada pelos pastores por meio da imposição de mãos (At 6.6). São os pastores também que indicam os candidatos ao diaconato. A investidura é posteriormente aprovada ou não pela igreja. A indicação dos diáconos, se feita pela igreja, pode colocar o pastor em situações delicadas. Pode ocorrer de o pastor ser contra determinada indicação por motivos que, em razão de sua função, só ele conhece. Se a igreja indicasse e o pastor, por motivos que merecessem sigilo, se opusesse à indicação, isso exporia o nome do membro indicado a comentários maldosos e exigiria do pastor explicações que nem sempre ele pode dar.

A investidura numa função de tanta responsabilidade só pode ser feita após um período de experiência (1Tm 3.10) em que os candidatos serão observados pelo pastor e pela igreja. Somente após o término do tempo de prova é que os membros da igreja terão condições de votar sabiamente na aprovação daqueles que farão parte da liderança como diáconos. Uma vez investidos na função, os novos líderes deverão exercer as atividades acima relacionadas. Deve ficar claro, porém, que o diácono só poderá exercê-las na igreja que reconhecer e solicitar seu trabalho.

É verdade que no meio batista o cargo de diácono é relativamente vitalício (pois o diácono pode ser definitivamente afastado do cargo se deixar de ter as qualificações bíblicas exigidas). Porém, isso não significa que alguém que foi consagrado ao diaconato exercerá necessariamente a função em qualquer igreja de que se tornar membro.

Se ocorrer de um diácono mudar de igreja, continuará sendo diácono, pois foi consagrado a esse cargo e investido nele por quem legitimamente tinha poder para tanto. Porém, será diácono de direito, não de fato. Para ser diácono de fato, exercendo suas funções, deverá ser convidado pelo pastor e ter sua indicação aprovada pela igreja. Nesse caso, não haverá necessidade de nova cerimônia de consagração.

Trata-se, portanto, de procedimento semelhante ao adotado no caso de pastores, isto é, nenhum ministro se torna pastor de uma igreja pelo simples fato de pedir para ali a sua carta de transferência. Tal ministro será pastor de direito (uma vez que adquiriu esse título ao ser ordenado), mas não de fato, ou seja, só poderá pastorear se para isso for convidado pela igreja.

Na igreja de Deus a posição de destaque procedente do múnus diaconal não é concedida a alguém em razão de seu mero desejo pessoal (Mc 10.35-37, 40), nem pelo fato de esse alguém ter lutado ou sofrido em prol da causa (Mc 10.38-40). Isso porque, de acordo com o ensino de Jesus, somente os que servem humildemente os irmãos podem ocupar uma posição de destaque dentro da igreja (Mc 10.41-45).

Logo, o líder da igreja é aquele que responde mais prontamente do que qualquer outro ao chamado de servir aos irmãos, demonstrando assim que em seu coração impera “o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Fl 2.1-11). Por isso, para que um membro da igreja venha a ser diácono, é fundamental que seja, antes de tudo, servo (a própria palavra diácono significa “aquele que serve”).

Evidentemente, existem outros requisitos que exigir dos candidatos ao exercício do múnus diaconal. Esses requisitos estão arrolados em 1Timóteo 3.8-12 e são nove:

1. Ser respeitável. Respeitabilidade é qualidade que deve estar presente nos cristãos em geral (1Tm 2.2). Porém, para os líderes a exigência é ainda mais forte. A palavra traduzida como “respeitável” é um adjetivo grego que abrange não só a postura exterior da pessoa, mas também seu

temperamento interior. Alguém pode ter postura que inspire respeito no meio social e, contudo, demonstrar-se reprovável no modo que reage em face das contrariedades ou mesmo das situações comuns da vida.

2. Ser de uma só palavra. A expressão grega pode significar "não difamador", o que seria um requisito essencial para quem, no exercício de suas funções, toma conhecimento constantemente dos problemas pessoais dos outros. Porém, parece mais correto entender a expressão no sentido de "não ser alguém de conversa dupla". O diácono não pode ser pessoa que diz uma coisa enquanto tem outra em mente. Também não pode dizer uma coisa a um homem e outra a outro. Suas palavras têm de ser expressão da verdade, sem duplos sentidos e revestidas de valor e peso notáveis. Essa qualidade deve receber maior destaque no relacionamento dos diáconos entre si. O grupo de líderes deve desfrutar cumplicidade e fidelidade mútua. Não se pode conceber um bom relacionamento durante as reuniões seguido de comentários maldosos feitos às escondidas.

3. Não ser inclinado a muito vinho. Há aqui uma advertência contra a bebedice, ou embriaguez. Pode-se inferir daqui que o diácono deve ser alguém livre de qualquer forma de desregramento ou falta de moderação.

4. Não ser cobiçoso de sórdida ganância. Significa não ser avarento. O diácono, em geral, lida com as finanças da igreja e, por isso, fica exposto a tentações perigosas. Muitas vezes, para se desincumbir de uma tarefa, tem em mãos dinheiro ou cheques em branco assinados. Daí a necessidade de não ser alguém facilmente suscetível à queda. Além disso, muitas vezes o diácono tem de demonstrar desprendimento em face das diversas necessidades da igreja. Se for avarento, certamente vai-se omitir diante de tais situações.

5. Conservar o mistério da fé com a consciência limpa. Os diáconos devem ser homens de convicção cristã; homens que preservam o corpo doutrinário sadio e nele perseveram. A expressão "mistério da fé" diz respeito às verdades que a razão, por si só, não pode alcançar, mas que foram divulgadas pela revelação divina, ou seja, os ensinamentos contidos no Novo e no Antigo Testamentos. A guarda dessas doutrinas deve ser acompanhada de consciência limpa, isto é, a consciência livre de mácula e de coisas vergonhosas, só adquirida por quem vive retamente.

6. Mostrar-se irrepreensível depois de experimentado. Antes de ser diácono, o candidato deve passar por uma triagem que leve em conta seu caráter, sua conduta até o presente e as demais qualificações alistadas. É possível estar presente aqui a idéia de um período de prova ou experiência. Também é aceitável a idéia de um exame formal. Os dois procedimentos podem ser aplicados conjuntamente no processo de escolha dos diáconos.

7. Ser casado com mulher respeitável, não maldizente, temperante e fiel em tudo. O modo que o apóstolo Paulo fala no v.11 não deixa muito claro se ele tem em mente as esposas dos diáconos ou mulheres investidas no cargo de diaconisas. Os comentaristas bíblicos estão divididos e parece mais certo acreditar que as mulheres da igreja primitiva exerciam funções semelhantes às dos diáconos (e.g., ajuda a pobres e doentes), como era o caso de Febe (Rm 16.1,2), sem, contudo, serem investidas na autoridade própria de um oficial eclesiástico. Além disso, como veremos adiante, a história eclesiástica e a Bíblia mostram que a liderança da igreja deve ser masculina (1Co 14.34; 1Tm 2.9-15). Assim, é provável que Paulo esteja aqui a falar das esposas dos diáconos, afirmando que suas qualificações devem ser semelhantes às exigidas de seus maridos.

8. Ser marido de uma só mulher. Significa que o diácono deve ser casado apenas uma vez. Por isso, homens divorciados que entraram numa segunda relação conjugal não são qualificados para o diaconato. É claro que casar-se novamente depois da morte da primeira esposa não constitui impedimento para o exercício do cargo, uma vez que a morte é o único fator que quebra o vínculo matrimonial (Rm 7.2,3).

9. Governar bem seus filhos e a própria casa. É no modo que governa o seu lar que o líder dá provas de capacidade para o exercício de um cargo de responsabilidade na igreja. O homem que

encontra dificuldades para inspirar na esposa e nos filhos a sujeição e o respeito que lhe são devidos também não será capaz de cumprir seu papel de líder na igreja. Dessarte, o diácono deve ser alguém que mantém o lar sob disciplina e controle. Mais detalhes sobre isso, encontramos em 1 Timóteo 3.4,5 e Tito 1.6, onde, falando sobre os filhos de pastores, Paulo diz que devem ser criados sob disciplina, com todo o respeito, e ser crentes, não acusados de dissolução, nem insubordinados. Em outras palavras, o lar do líder cristão não pode estar aquém do ideal.

Sem as qualificações aqui alistadas, não é possível tornar-se diácono. Também é verdade que, se alguém for consagrado ao diaconato e depois de algum tempo perder qualquer uma das qualificações mencionadas, deverá ser afastado do cargo por tempo indeterminado até que volte a satisfazer os requisitos bíblicos.

É curioso notar que, ao concluir sua lista de qualificações, o apóstolo Paulo aponta dois resultados do bom desempenho do diaconato: "justa preeminência" e "muita intrepidez na fé" (v.13). O primeiro significa que o bom diácono se tornará um homem de influência e granjeará o respeito da comunidade onde ministra; o segundo significa que desenvolverá coragem e confiança tanto para anunciar o evangelho (At 7.51-60) quanto para aproximar-se de Deus em profunda comunhão (Ef 3.12).

O SUSTENTO FINANCEIRO DA IGREJA

O sustento financeiro da igreja de Deus deve ser proveniente dos dízimos e ofertas entregues voluntariamente pelos membros. Estes são conscientes da responsabilidade que têm no suprimento das necessidades materiais da igreja; e ainda que essa responsabilidade seja grande, não pode existir sobre os membros nenhum tipo de constrangimento que os induza a contribuir, pois a regra do NT para a entrega de dízimos e ofertas, em 2Coríntios 9.7, diz que cada crente deve contribuir voluntária e alegremente para a causa do Mestre.

Na igreja bíblica os líderes, entre eles o pastor, não devem viver a vasculhar os registros da tesouraria com o fim de saber quem é ou não é contribuinte. Entende-se que essa é uma questão entre o crente e Deus, a quem todos teremos de prestar contas. O pastor deve se limitar a exortar a igreja como um todo, ensinando-a a ser leal nas contribuições, do mesmo modo que Paulo ensinava os cristãos do passado (2Co 9.6-15).

Quanto aos não-membros da igreja, só é aceitável a participação deles no momento do ofertório caso sejam crentes. Na igreja de Deus não pode ser permitido que o não-salvo ajude no sustento da igreja. Por isso, em seus cultos, quem ainda não recebeu Jesus Cristo deve ser orientado a não participar do momento das ofertas.

A conduta acima descrita deve ser adotada porque mesmo os mais belos gestos do homem perdido são inaceitáveis diante do Senhor. Todos os incrédulos precisam aprender que "sem fé é impossível agradar a Deus" (Hb 11.6) e que o que não provém de fé é pecado (Rm 14.23b). Segundo as Escrituras, a fé foi o único elemento de distinção entre a oferta de Abel e a de Caim: a do primeiro foi aceita por Deus porque, por sua fé, ele foi reconhecido como justo (Hb 11.4).

Sendo, pois, o incrédulo homem carente de fé, não há como suas ofertas serem agradáveis ao nosso Senhor. Por mais sincero e desinteressado que seja, o descrente não pode fazer nada que receba a aprovação divina. Ele vive permanentemente debaixo da ira de Deus (Jo 3.36); está "na carne", sendo impossível produzir algo em que o Senhor se deleite (Rm 8.8). Suas justças, aos olhos do Altíssimo, continuarão sendo, na linguagem de Isaías, um repugnante "trapo de imundícia" (Is 64.6)⁶ a despertar-lhe a santa aversão.

⁶ Algumas versões italianas, no tocante a esse texto, mostram a real dimensão da repugnância que Isaías quis transmitir aqui ao traduzirem a expressão hebraica por "*panno di mestruai*" ("pano de menstruação").

Como se não bastasse o que já foi dito, a Bíblia mostra também que as ofertas dos que vivem debaixo do pecado são abomináveis a Deus (Gn 4.3-7; 1Sm 15.22; Pv 21.27; Is 1.11-13). Ora, sabemos que todos os incrédulos, mesmo os mais íntegros, vivem debaixo do pecado (Rm 3.23,24; Gl 3.22; 1Jo 5.19). Por isso, pessoas que não tenham recebido o Salvador devem ser impedidas de trazer ofertas durante o culto verdadeiro. Ao incrédulo é necessário primeiramente entregar a vida a Cristo e só depois se preocupar em entregar parte do seu dinheiro ao serviço santo.

O MINISTÉRIO DA MULHER NA IGREJA

O padrão de liderança espiritual adotado pela igreja de Deus é estritamente neotestamentário, não leva em conta tendências modernas ou culturais. Por isso, nela a liderança é masculina, do mesmo modo que era masculina a liderança espiritual da igreja nos tempos dos apóstolos (1Co 14.34,35; 1Tm 2.11,12; 3.1-13; Tt 1.5-9).

É verdade que, conforme afirmam alguns defensores da ordenação de pastoras, no século XX as mulheres conquistaram espaço em várias linhas de frente. Porém, é também verdade que essa conquista iniciou-se simplesmente em razão da ausência de homens como mão-de-obra no período imediatamente posterior à Primeira Guerra Mundial. Amauri Mascaro Nascimento, citando Alain Touraine e Bernard Mottez, diz:

A I Guerra Mundial precipitou o movimento de penetração da mulher nas oficinas. Em 1900, na Grã-Bretanha, todavia, não ultrapassaram a proporção de 10% do efetivo dos empregados e, pouco antes da guerra, passam a constituir ¼. Com a guerra, 200.000 mulheres ingressaram nas oficinas; em 1911, foram 185.000; em 1931, 580.000; em 1951, 1.200.000, mais da metade do efetivo. Na França, em 1954, 48,3% dos empregados do setor secundário e 52,5% do setor terciário eram mulheres, somando 26% da força do trabalho subordinado. Nos Estados Unidos, passaram de 3,7 a 27%.⁷

Essa necessidade do pós-guerra intensificou-se em face do tão acelerado progresso tecnológico que marcou o século XX e abriu espaços que até então eram não só inexistentes, mas também inimagináveis para as mulheres dentro da esfera social. De fato, a História mostra que existe íntima associação entre o modo de vida mais fácil e o grau elevado de “liberdade” das mulheres.

Deve ficar claro que, já no século XVIII, com a Revolução Industrial, um grande contingente de mulheres passou a integrar a força de trabalho, numa proporção nunca vista anteriormente, o que indubitavelmente também cooperou para a formação do cenário que hoje se vê. Também acerca disso escreve o professor Amauri Mascaro Nascimento:

Por ocasião da Revolução Industrial do século XVIII, o trabalho feminino foi aproveitado em larga escala, a ponto de ser preterida a mão-de-obra masculina. Os menores salários pagos à mulher constituíram a causa maior que determinava essa preferência pelo elemento feminino [...]. O processo industrial criou um problema que não era conhecido quando a mulher, em épocas remotas, dedicava-se aos trabalhos de natureza familiar e de índole doméstica. A indústria tirou a mulher do lar, por 14, 15 ou 16 horas diárias, expondo-a a uma atividade profissional em ambientes insalubres e cumprindo obrigações muitas vezes superiores às suas possibilidades físicas.⁸

O mesmo autor, na obra citada, dá-nos ainda uma visão clara do enorme espaço que a mulher passou a ocupar no processo de produção naqueles dias. Diz ele:

A situação das mulheres não era diferente... Em fins do século XVIII trabalhavam em minas, fábricas metalúrgicas e fábricas de cerâmica. A tecelagem, no entanto, passou a absorvê-las em maior escala. No estabelecimento *Dollfus-Mieg*, em Mulhouse, havia 100 homens, 40 menores e 340

⁷ TOURAINE, Alain; MOTTEZ, Bernard. *Histoire Générale du Travail*. Apud NASCIMENTO, Amauri Mascaro. *Curso de Direito do Trabalho*. São Paulo: Saraiva, 1995. p. 13-14.

⁸ *Idem*, p. 560-561.

mulheres, proporção considerada normal na indústria têxtil. Na mesma época, na fábrica de porcelanas de Gien, a quinta parte dos efetivos era feminina. Em Creusot havia algumas mulheres que trabalhavam nas escavações de carvão, mais precisamente 250, de um efetivo de 10.000 pessoas... Em Londres, por volta de 1830, cerca de metade do trabalho do ramo de indumentária era realizado por mulheres. Contribuiu muito para esse estado de coisas o emprego cada vez maior da máquina de coser, inventada por Thimonnier em 1830[...] Essa máquina não necessitava de qualquer energia muscular e permitia a uma mulher fazer o trabalho para o qual antes eram necessárias 6 ou 7[...] Reconheça-se, no entanto, que não cabe à Revolução Industrial a iniciativa da utilização da mão-de-obra feminina. As mulheres sempre trabalharam. A fábrica e os novos sistemas apenas intensificaram a sua participação no mercado de trabalho que aumentou muito.⁹

Pode-se assim, nesse aspecto, adotar hoje o pensamento que Marguerite Yourcenar atribuiu ao imperador romano Adriano acerca da situação das mulheres do seu tempo: “A liberdade das mulheres de hoje, maior ou pelo menos mais visível do que a dos tempos antigos, não passa de um dos aspectos da vida mais fácil das épocas prósperas; os princípios e mesmo os preconceitos de outrora não foram seriamente atingidos.”¹⁰

Por isso, ninguém pode crer ou ensinar que os espaços conquistados pelas mulheres na atualidade, especialmente dentro da igreja, vieram como consequência de uma análise bíblica mais cuidadosa. A história mostra que toda a mudança ocorreu por causa de necessidades econômicas seguidas de avanços tecnológicos que, como sempre, tiveram forte impacto sobre a sociedade em geral e, posteriormente, sobre a igreja em particular. Está, pois, fora de dúvida que a defesa da ordenação de mulheres é resultado mais de um processo histórico do que de um processo exegetico.

Os defensores da ordenação de mulheres dizem também que os textos que fazem restrições ao trabalho feminino na igreja foram produzidos dentro de um contexto social machista, próprio do mundo antigo, não devendo tais textos ser aplicados no novo ambiente em que funciona e se desenvolve a igreja contemporânea.

Sabemos que a sociedade antiga era mesmo machista. Porém, de modo nenhum podemos crer que os escritores bíblicos se deixaram influenciar tão largamente pela mentalidade do mundo em que viveram. Ao contrário, o que se percebe é que o advento do cristianismo deu impulso a uma verdadeira revolução no modo que a mulher era vista na sociedade tanto judaica quanto pagã dos primeiros séculos. A fé pregada pelos apóstolos destacou o valor da mulher, realçou a importância do seu papel, incentivou o respeito que a ela é devido e colocou-a em posição de igualdade com o homem diante de Deus. Toda essa revolução, porém, não deixou de estabelecer distinções funcionais entre ambos os sexos, ou seja, foi uma revolução que, mesmo rejeitando o extremo machismo reinante naqueles dias, manteve nítidas as diferenças de papéis do homem e da mulher, tanto na família quanto na igreja.

É nesse ponto que a revolução cristã difere da revolução feminista do século XX. Esta desconsiderou as bases teológicas que explicavam o porquê das restrições impostas pela igreja às mulheres e teve como base principal, conforme dissemos, as necessidades econômicas oriundas do primeiro grande conflito mundial e do progresso tecnológico. Ora, sabemos que na busca do suprimento dessas necessidades “vale tudo”. Isso somado à ausência de uma justificativa para a limitação do papel da mulher fez com que nas últimas décadas alguns traços funcionais distintivos entre homens e mulheres passassem a se confundir.

É difícil calcular os prejuízos dessa confusão. Há quem lhe atribua a má formação moral e psíquica das crianças de hoje, bem como o crescimento do número de homossexuais. Na sociedade de outrora percebia-se uma distinção muito bem definida entre os papéis do homem e da mulher: geralmente o homem saía de manhã para trabalhar, enquanto a mulher ficava cuidando das crianças e da casa.

⁹ *Idem*, p. 12-13.

¹⁰ YOURCENAR, Marguerite. *Memórias de Adriano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 122-123.

Na sociedade moderna as funções dos dois não são tão distintas. Muitas vezes o homem cuida da casa e a mulher trabalha, ou os dois trabalham e nas “horas de folga” cuidam da casa. No final das contas, as crianças têm uma relação muito pobre com a família e deixam, por isso, de receber elementos essenciais à formação de seu caráter. Além disso, o modo de vida de seus pais ensina pouco sobre o que é devido ao “papai” e o que é devido à “mamãe”. Desse modo, as crianças crescem sem saber direito quais funções deverão exercer quando formarem suas próprias famílias, o que contribui para a frustração nos relacionamentos matrimoniais e o conseqüente aumento do número de divórcios.

Não bastassem todos esses prejuízos, uma das maiores perdas oriundas dessa confusão de papéis ocorreu no campo dos relacionamentos entre os sexos opostos. De uns tempos para cá, o respeito tem perdido terreno. Quando as distinções funcionais entre homem e mulher eram bem delineadas havia a sensação, principalmente entre os jovens, de que havia algo de misterioso ou sagrado no outro sexo. O romantismo era simplesmente uma forma de culto àquilo que para nós era digno de uma espécie de reverência. Assim, o rapaz respeitava a moça e vice-versa. Havia recato, atenção e cavalheirismo. Com o surgimento da igualdade o “culto romântico” acabou e é comum vermos os rapazes falar palavras chulas ou arrotando na frente das moças com a mesma naturalidade de quem dá um sorriso.

Enquanto a liberdade ou igualdade das mulheres permaneceu como um traço geral da sociedade moderna a igreja não sofreu grandes afrontas. Porém, a confusão funcional entre homens e mulheres da sociedade avançada começou a se infiltrar na igreja, e livros e debates sobre o papel da mulher, incomuns em outras épocas, surgiram tentando oferecer a palavra final sobre o assunto. Nesses livros, os defensores da ordenação feminina sempre apresentam os argumentos acima mencionados: “Vivemos numa época em que a mulher conquistou grandes espaços; e os textos bíblicos que limitam as funções da mulher na igreja devem ser considerados impraticáveis hoje em dia por revelarem apenas o modo de pensar do homem antigo”.

Independentemente do que se diga ou pense na atualidade, o fato é que, no que se refere ao procedimento da mulher na igreja, nós cristãos temos diretrizes bem objetivas na Palavra de Deus. E essas diretrizes foram observadas à risca pelas igrejas dos tempos antigos, com as quais, sem dúvida, temos muito que aprender.

Sabe-se, por exemplo, pelo testemunho literário, que a mulher teve papel extremamente dinâmico nas diversas atividades ministeriais da igreja antiga. Pelo fato de os cristãos daqueles tempos olharem com admiração os seus mártires, qualquer evidência de rejeição de prazeres era enaltecida como virtude e, por isso, as virgens que pertenciam às diversas comunidades cristãs exerceram nos primeiros séculos do cristianismo funções de destaque.

Isso ocorreu principalmente na igreja oriental, em que as funções das virgens passaram mais tarde a se identificar com as das viúvas. Estas últimas, quando preenchiam as qualificações de 1Timóteo 5. 9-10, eram “inscritas” como membros de um grupo ministerial cujas responsabilidades implicavam a prática da oração e de boas obras, bem como o auxílio a mulheres doentes. Digno de nota é que, mesmo vistas com olhos do mais profundo respeito e apreciação, a evidência literária demonstra que as viúvas ou qualquer outra classe de mulheres eram proibidas de ensinar na igreja ou de batizar. Em toda a igreja antiga o consenso era que elas não podiam exercer funções tipicamente masculinas.

Os documentos antigos também apontam para o fato de que existia no período pós-apostólico uma ordem de “diaconisas”. Sem embargo, esse termo não tinha nada que ver com o modo que é usado hoje. As diaconisas da igreja antiga não eram líderes, mas sim auxiliaadoras que tinham suas funções bem delimitadas. Seus deveres terminavam onde começavam os dos bispos e tinham o objetivo de ajudá-los quando os serviços deles se tornavam inadequados pela força das circunstâncias. Desse modo, elas eram chamadas a ministrar a outras mulheres quando a ocasião não era favorável ao serviço de um bispo ou diácono. Eram elas que auxiliavam no batismo de senhoras ou moças numa época em que essa ordenança era realizada com o candidato totalmente despido. Elas visitavam outras mulheres

crentes e ministravam às doentes. O ministério delas era extremamente importante na igreja, porém, direcionava-se unicamente às mulheres.

Como se vê, dentro da comunidade cristã primitiva as distinções funcionais entre homens e mulheres eram bem delineadas. Isso não ocorria por questões culturais. Se os cristãos antigos se deixassem levar pela cultura reinante na sociedade daqueles dias, as mulheres não teriam tido espaço nenhum dentro da igreja.¹¹ A verdade, porém, é que as limitações funcionais da mulher tiveram como base a herança doutrinária deixada pelos apóstolos. Foi a doutrina cristã, não a cultura judaica nem a pagã que impôs limites ao papel da mulher na igreja.

H. Wayne House escreve:

O ensino da igreja apostólica era, e a prática da igreja antenicensa confirma, que as mulheres receberam um novo *status* na igreja, o qual dificilmente teriam tido no mundo antigo. Mesmo com esse reconhecimento de sua dignidade idêntica à do homem, ainda assim, restrições foram feitas com respeito à mulher por causa do entendimento apostólico acerca da relação entre masculino e feminino presente na criação e na queda. Às mulheres não era concedido ministrar numa posição de autoridade espiritual sobre os homens na vida da igreja. Isso inclui a proclamação pública das Escrituras a homens e funções sacerdotais tais como a Ceia do Senhor e o batismo.¹²

Quem observa atentamente 1Coríntios 14.34-37 e 1Timóteo 2.11-14 percebe que o apóstolo Paulo em nenhum momento embasa suas restrições às funções das mulheres em argumentos voltados para a cultura ou os costumes de seu tempo. Em vez disso, o apóstolo põe como fundamento para as restrições ao papel da mulher na igreja as seguintes doutrinas: a inspiração bíblica; a doutrina da criação; e a doutrina da queda.

Em 1Coríntios Paulo diz que o que escreve é “mandamento do Senhor” (v. 37), o que implica o ensino acerca da inspiração divina de seus escritos; e em 1Timóteo todas as suas orientações se fundamentam no fato de primeiro ter sido formado Adão e depois Eva (doutrina da criação), e no fato de Adão não ter sido enganado, mas sim sua mulher (doutrina da queda).

O que Paulo escreveu, portanto, sobre o assunto em pauta faz parte do nosso patrimônio doutrinário. Ele não nos deixou apenas vestígios acerca de como a mulher era vista ou tratada em seus dias. Ele nos legou uma herança; algo que deve ser defendido e aplicado com seriedade no dia-a-dia da igreja local de hoje, do mesmo modo que foi no período apostólico e na igreja antiga.

Infelizmente, a experiência mostra que muitas vezes a reação contrária ao papel da mulher na igreja, conforme exposto no NT, não é basicamente fruto nem da aceitação da visão modernista, nem da negação da supraculturalidade dos escritos de Paulo. O problema geralmente tem raízes mais profundas, presentes no coração dos indivíduos.

De fato, se quisermos ser honestos, reconheceremos que, no mais das vezes, a rejeição da visão bíblica sobre o papel da mulher é expressão de revolta, talvez inconsciente, contra um dos resultados da queda. A triste realidade é que uma afiada lâmina transpassou o coração da mulher quando Deus disse que seu desejo seria para o seu marido e que ele a governaria (Gn 3.16). Por causa disso, sempre que alguém fala sobre a submissão da mulher ou sobre a impossibilidade de ela exercer funções de liderança, toca, por mais cuidadoso que seja, nessa lâmina, incomodando várias mulheres que ouvem. O assunto, desse modo, se transforma em terreno perigoso e pode gerar antipatias e inimizades. Nele está implícito um antigo e terrível revés: Eva queria ser como Deus quando comeu o fruto e acabou tendo

¹¹ Para uma visão mais clara acerca do espaço concedido às mulheres no contexto judaico, veja JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 473-494. Veja também DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*, São Paulo: Vida Nova, 1988. p. 88-91.

¹² HOUSE, H. Wayne. Distinctive roles for women in the second and third centuries. *Bibliotheca Sacra*, Dallas, v. 146, n. 581, jan./mar. 1989, p. 52-53. Minha tradução.

de sujeitar-se ao homem. É natural que esse golpe traga desconforto para as suas filhas até os dias de hoje.

Além dos argumentos bíblicos e históricos mencionados há razões secundárias, extraídas do bom senso, pelas quais as funções pastorais não podem ser exercidas pela mulher cristã. Engana-se aquele que pensa que a pregação constitui a totalidade do trabalho do pastor. Ao contrário, a prática desse ofício apresenta no dia-a-dia os mais variados contornos, desdobramentos, implicações e perigos. Enfrentar ex-presidiários que pedem ajuda financeira em tom ameaçador, socorrer doentes à beira da morte durante a madrugada, lidar diretamente com violentos conflitos familiares, incrédulos maliciosos e até crimes horrendos são apenas alguns exemplos das tarefas realizadas pelo bom ministro religioso. É claro que as mulheres também são capazes de fazer isso tudo (há mulheres que são até ótimas delegadas de polícia!), mas a realização desses rudes, desgastantes e penosos trabalhos não se harmoniza com o perfil delicado e dócil que se espera da mulher cristã, sendo-lhe, no mais das vezes, extremamente impróprio.

Em face disso tudo, não há na igreja zelosa pastoras nem diaconisas. Isso não significa que as mulheres não possam fazer parte da diretoria estatutária da igreja. Os cargos de liderança espiritual, porém, são reservados a homens. Deve ficar bem claro que não existe nenhum tipo de superioridade espiritual em alguém pelo simples fato de ser do sexo masculino. Em Cristo todos desfrutam a mesma posição diante de Deus (Gl 3.27,28). Também não se deve questionar a competência ou capacidade de nossas irmãs. Simplesmente, a igreja de Deus deve adotar um modelo de funcionamento bíblico, e com ele conviver de modo pacífico, sem preconceitos ou menosprezos.

Também deve ficar claro que o fato de não poderem ser oficiais da igreja não impede as mulheres de exercer um ministério abençoado na igreja bíblica (Rm 16.1,2). Na verdade, a elas pode ser confiada a educação cristã dos pequeninos, a visitação de pessoas enfermas e idosas, o ensino de classes de senhoras, o trabalho em comissões especiais (muitas vezes como reladoras), a organização de campanhas, o envolvimento direto com evangelização e missões e inúmeras outras atividades. Às mulheres também é permitida a apresentação de palestras a toda igreja desde que o tema não seja de natureza bíblico-doutrinária, pois isso transformaria a palestra numa atividade tipicamente pastoral. Sendo o tema da palestra de outra natureza (medicina, psicologia, política, história, etc.) nada obsta a sua apresentação na igreja por uma mulher.